

Avaliação de Cultivares de Mandioca Mansa na Microrregião Homogênea de Nossa Senhora das Dores no Estado de Sergipe

Sandra Santos Ribeiro¹, Hélio Wilson Lemos de Carvalho², Wânia Maria Gonçalves Fukuda³, Ivênio Rubens de Oliveira⁴, Francisco Elias Ribeiro⁵ e Vanice Dias de Oliveira⁶

Introdução

Apesar de ser expressivo o consumo de mandioca mansa (*Manihot esculenta* Crantz) no Estado de Sergipe, grande parte de sua produção provém de cultivos de “fundo de quintal”, não passando por qualquer processo organizado de comercialização. Como consequência, sua produtividade é baixa e isso se deve, entre outros fatores, a utilização de variedades de baixa adaptação e às épocas de colheitas inadequadas. Segundo Mendonça *et al.* [1] a determinação da época de colheita é um fator essencial no rendimento das cultivares, ressaltando ainda que o desconhecimento do ciclo pode acarretar prejuízos aos produtores. Moura [2] avaliando variedades e épocas de colheita no Acre, verificou que a melhor época de colheita é condicionada ao genótipo.

O objetivo deste trabalho foi avaliar variedades de mandioca mansa em diferentes épocas de colheitas na zona agreste do estado de Sergipe.

Material e métodos

Foram avaliadas nove variedades de mandioca mansa, em três épocas de colheita (10, 12 e 14 meses), no município de Nossa Senhora das Dores, que está localizado a 10°30' S de Latitude e 37°13' W de Longitude e 200 m de altitude, em solo do tipo Latossolo Amarelo Coeso, no ano agrícola de 2004/2005. Os ensaios foram realizados em blocos ao acaso, com três repetições, com plantio realizado na primeira quinzena do mês de maio/2004 e as parcelas constaram de quatro fileiras de 6,0 m de comprimento, espaçadas de 1,0 m, mantendo-se, dentro das fileiras uma distância de 0,6 m entre covas. As adubações realizadas nesses ensaios foram de acordo com os resultados das análises de solo da área experimental. Foram medidos os dados referentes aos pesos de raiz e da parte aérea, teores de amido e matéria seca de raiz;

calculou-se também o índice de colheita. Esses dados foram submetidos a análise de variância, dentro de cada época de colheita. Realizou-se a seguir a análise de variância conjunta, considerando aleatórios os efeitos de blocos e épocas e, fixo, o efeito de variedades, conforme Vencovsky & Barriga [3].

Resultados e Discussão

A análise de variância para cada época de colheita revelou diferenças significativas, o que expressa a presença de variações entre as variedades, em relação a todas as características avaliadas, à exceção do teor do amido, na colheita realizada aos 14 meses e teor de matéria seca, nas colheitas efetuadas aos 12 e 14 meses, onde as variedades mostraram um mesmo comportamento (Tabela 1). Os valores dos coeficientes de variação encontrados foram baixos, conferindo boa precisão aos ensaios.

Apesar de os acréscimos de rendimentos de raízes e da parte aérea serem pouco expressivos, com o decorrer das épocas de colheita obteve-se maiores produtividades para esses caracteres na colheita realizada aos 14 meses após o plantio (21,1 t/ha). Destacaram-se as variedades Saracura e Rosa Branca, com melhor adaptação, as quais mostraram ainda esse bom comportamento produtivo quando as colheitas foram realizadas aos 10 e 12 meses após o plantio. Na média das três colheitas obteve-se um rendimento médio de raízes de 19,1 t/ha, com variação de 10,9 t/ha a 26,2 t/ha, destacando-se com melhor adaptação as variedades Saracura e Rosa Branca seguidas das variedades Umbaúba e Rainha da Mesa (Tabela 1). Variação semelhante foi observada para o peso da parte aérea.

Os valores relativos aos índices de colheita foram baixos (Conceição [4]) à exceção dos índices encontrados para a variedade Saracura nas diferentes épocas de colheita (Tabela 1). Os teores de amido e matéria seca das raízes mantiveram-se constantes no decorrer das épocas de colheitas. Esses dados são discordantes dos de Fukuda & Borges, Moura [5, 2], os quais observaram acréscimos

1. Estagiária Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: sandrinha_sr@yahoo.com.br

2. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: helio@cpatc.embrapa.br.

3. Pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Rua Embrapa, s/nº, Cruz das Almas, BA, CEP: 44380-000. E-mail: wfukuda@cnpmf.embrapa.br .

4. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: ivenio@cpatc.embrapa.br

5. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: elias@cpatc.embrapa.br.

6. Bolsista DTI-G/CNPq/Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: vanice_dias@yahoo.com.br.

nessas variáveis com o decorrer das épocas de colheita. As variedades Rosa e Casca Roxa, seguidas das Rainha da Mesa e Saracura apresentaram melhores teores de amido (Tabela 1).

Considerando-se os resultados apresentados infere-se que as variedades Saracura e Rosa Branca seguidas da Umbaúba e Rainha da Mesa, mostraram-se promissoras para a exploração em áreas do agreste sergipano.

Referências

- [1] MENDONÇA, H. A.; MOURA, G. de M.; CUNHA, E. T. 2003. Avaliação de genótipos de mandioca em diferentes épocas de colheita no Estado do Acre. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, DF, v. 38, nº 6, p. 761-769.
- [2] MOURA, G. de M. 1998. Avaliação de cultivares de mandioca em diferentes épocas de colheita, no estado do Acre. Revista Brasileira de Mandioca, Cruz das Almas, v. 17, n. 1/2. p. 13-23.
- [3] VENCOVSKY, R. & BARRIGA, P. 1992. Genética biométrica no fitomelhoramento. Sociedade Brasileira de Genética, 496p.
- [4] CONCEIÇÃO, A. J. da. 1987. A mandioca. Cruz das Almas. Livraria Nobel S/A , 3º ed., p. 27-361.
- [5] FUKUDA, W. M. G.; BORGES, M. de F. 1990. Influência da idade de colheita sobre a qualidade de raízes em diferentes cultivares de mandioca de mesa. Revista Brasileira de Mandioca, Cruz das Almas, v.a, n. 1/2. p. 7-19.

Tabela 1. Rendimento de raiz, rendimento da parte aérea, altura da planta, índice de colheita, teor de amido, matéria seca de raízes de variedades de mandioca mansa em três épocas de colheita da safra 2005/2006. Município de Nossa Senhora das Dores, Sergipe.

Variedades	Colheita (meses após o plantio)			Média
	10	12	14	
Rendimento de raiz (t/ha)				
Saracura	22,3 a	27,7 a	28,7 a	26,2 a
Rosa Branca	22,0 a	26,3 a	29,0 a	25,9 a
Umbaúba	19,7 a	24,3 b	24,3 b	22,8 b
Rainha da Mesa	20,7 a	22,7 b	23,7 b	22,3 b
Manteiga	16,3 b	19,3 c	22,3 b	19,3 c
Maragogipe	13,3 c	16,7 c	18,7 c	16,2 d
Casca Roxa	13,0 c	16,0 c	16,7 c	15,2 d
Rosa	10,7 c	12,3 d	15,0 d	12,7 c
Paraguai	10,7 c	10,0 d	12,0 c	10,9 f
Média	16,5	19,5	21,1	19,1
C.V.(%)	9,8	10,5	6,7	9,0
Rendimento da parte aérea (t/ha)				
Saracura	14,0 b	17,3 b	19,3 b	16,9 b
Rosa Branca	16,7 c	24,0 a	27,0 a	22,5 a
Umbaúba	14,7 b	18,3 b	21,7 b	18,2 b
Rainha da Mesa	16,3 a	17,7 b	20,0 b	18,0 b
Manteiga	16,3 a	18,7 b	19,7 b	18,2 b
Maragogipe	13,3 b	15,3 c	15,7 c	14,8 c
Casca Roxa	16,7 a	19,0 b	21,7 b	19,1 b
Rosa	15,7 a	15,0 c	19,3 b	16,7 b
Paraguai	8,3 c	9,3 d	14,0 c	10,5 d
Média	14,7	17,2	19,8	17,2
C.V.(%)	8,8	13,9	11,1	11,7
Índice de colheita (%)				
Saracura	61,3 a	61,0 a	59,3 a	60,7 a
Rosa Branca	57,0 a	52,0 b	52,0 a	53,7 b
Umbaúba	57,0 a	56,7 a	52,7 a	55,4 b
Rainha da Mesa	55,3 a	56,0 a	54,0 a	55,1 b
Manteiga	49,7 b	51,0 b	53,7 a	51,4 c
Maragogipe	49,7 b	55,3 a	54,0 a	53,0 c
Casca Roxa	42,0 c	45,3 c	43,3 b	43,5 d
Rosa	40,0 c	45,0 c	43,0 b	42,7 d
Paraguai	56,0 a	52,0 b	46,3 b	51,4 c
Média	52,0	52,7	50,9	51,9
C.V.(%)	5,1	6,5	6,1	5,9
Teor de Amido (%)				
Saracura	30,3 a	29,7 c	28,7 a	29,3 b
Rosa Branca	28,3 b	29,7 c	28,3 a	28,8 c
Umbaúba	27,3 b	29,7 c	28,3 a	28,4 c
Rainha da Mesa	31,0 a	30,7 b	28,3 a	30,0 b
Manteiga	29,7 a	29,3 c	25,3 a	28,1 c
Maragogipe	27,3 b	28,7 c	28,0 a	28,0 c
Casca Roxa	28,7 b	30,3 b	28,7 a	29,2 a
Rosa	31,0 a	31,7 a	31,0 a	31,2 a
Paraguai	28,0 b	29,3 c	28,0 a	28,4 c
Média	29,1	29,9	28,3	29,1
C.V.(%)	5,1	2,0	5,4	4,4
Matéria seca raízes (%)				
Saracura	36,3 a	35,3 a	33,7 a	35,1 a
Rosa Branca	34,7 a	35,0 a	33,7 a	34,4 a
Umbaúba	33,3 b	35,3 a	33,0 a	33,9 a
Rainha da Mesa	33,3 b	34,0 a	32,7 a	33,3 a
Manteiga	34,3 a	34,0 a	33,3 a	33,9 a
Maragogipe	33,7 a	35,3 a	35,7 a	34,9 a
Casca Roxa	35,0 a	34,7 a	28,0 a	32,5 a
Rosa	33,7 b	33,7 a	29,7 a	32,3 a
Paraguai	32,7 b	34,0 a	34,3 a	33,7 a

Média	34,1	34,6	32,7	33,8
C.V.(%)	2,6	3,1	10,8	6,5

As médias seguidas pela mesma letra não diferem entre si pelo teste de Scott-Knott a 5% de probabilidade.